

## O ESPAÇO DO MESMO \*

José William Vesentini \*\*

Este trabalho foi engenhado com a preocupação de interrogar a implantação de Brasília enquanto capital federal do Brasil numa perspectiva que entende o espaço geográfico como construção do social, como realidade produzida e reproduzida pelos homens em suas relações entre si, mediatizadas pelas suas relações com a natureza, num processo onde coexistem lógica e política, necessidade e contingência, determinações sociais que se abrem ao indeterminado como possibilidade do novo. Enfim, espaço enquanto condição material, ao mesmo tempo que produto, da práxis inter-humana sob determinadas peculiaridades de tempo histórico.

Certos paradoxos existentes na bibliografia que abordou Brasília como cidade-capital adquiriram, de início, a dimensão de questões a nortear, ao menos parcialmente, o direcionamento de nosso labor. Todo aquele que elege esse tema como objeto de reflexões, logo se defronta com uma ambigüidade: a construção da nova capital do país é um ato freqüentemente enaltecido pelos escritores acadêmicos — e não só por estes —, que o vêem como a busca de uma utopia que anteciparia o futuro da nação como lugar de maior igualdade e racionalidade, como revolução arquitetônica e urbanística, e até como cidade socialista; mas, por outro lado, qualquer leitura atenta dos bons órgãos de imprensa nos últimos anos — e o jovem Hegel já afirmava que não se faz boa reflexão teórica sem uma leitura diária dos jornais —, bem como a de alguns ensaios recentes, mostra a adequação, diríamos mesmo a funcionalidade dessa cidade-capital

\* Exposição inicial feita pelo autor, no dia 15/3/85, por ocasião de sua defesa de tese de doutoramento intitulado *A Capital da Geopolítica (um estudo geográfico sobre a implantação de Brasília)* (385 p.). A banca examinadora foi composta pelos Professores Doutores Manoel F. G. Seabra (orientador), Aldo Paviani, Bertha K. Becker, Maria Stella M. Bresciani e Pasquale Petrone.

\*\* Docente no Departamento de Geografia da FFLCH da USP.

para o Estado tecnocrático, para a extrusão das camadas populares das grandes decisões político-institucionais.

Esta aporia é resolvida, praticamente por toda a bibliografia que a enfrentou, pelo recurso de se contrapor o plano original da cidade à realidade brasileira, ao processo histórico em que Brasília se edificou e consolidou. É como se fosse possível que o planejamento fosse engendrado de fora do real, acima da práxis social, e apenas no momento de sua operacionalização ele entrasse no movimento do real, ajustando-se perfeitamente a este ou colocando-se como "idéia fora do lugar". Daí então certos autores fazerem referência a um "desvirtuamento" que teria ocorrido com o plano urbanístico de Brasília, seja pela realidade capitalista — como querem alguns —, seja pelo regime político iniciado em 1964 — como enfatizam outros. E daí ainda a afirmação de Umberto Eco de que "Brasília transformou-se de cidade socialista que devia ser na própria imagem da diferença social". Esse contraponto entre plano e realidade, todavia, nos pareceu inadequado, com as explicações subseqüentes sendo pouco convincentes. Tal procedimento acaba por elidir a imbricação entre ontologia e conceitos, entre realidade e interpretação, interserindo-se no que Merleau-Ponty denominou pensamento sobrevoante, onde uma relação de exterioridade entre os dois pólos do saber impede se ultrapasse a idéia de que haveria nas coisas mesmas um sentido inteiramente positivo ou uma determinação em si prometida ao conhecimento, como se o objeto não devesse nada ao sujeito e às condições históricas em que se exerce o ato cognitivo.

Ao buscar na Geografia Política subsídios teórico-metodológicos para analisar a questão da cidade-capital, deparamos com as insuficiências dessa modalidade do discurso geográfico. Suas noções e formas de abordagem usuais, ao denegarem a alteridade, o *Outro* — a indeterminação da experiência do político afinal —, e ao operarem a partir de fatos instituídos, da política enquanto dados e idéias cuja inteligibilidade é pressuposta, enxergando apenas o *Mesmo* — o Estado nacional capitalista — em todas as formas de sociabilidade, acabaram por focar a implantação de Brasília através de procedimentos e idéias inadequados para a compreensão dessa questão, com o uso puro e simples de analogias, de antinomias abstratas que substituem as contradições e lutas entre os agentes históricos reais, e de noções genéricas, como função político-administrativa, por exemplo.

Nessas condições, julgamos que nosso estudo não poderia se furta a uma tentativa de reconstrução, ao menos parcial, da abordagem geográfica do político. E como etapa necessária desse empreendimen-

to aparece a apreensão crítica da Geografia Política, com a análise de seus pressupostos e de suas teorias e noções utilizadas para trabalhar o tema cidade-capital. Tal empresa foi levada a cabo no primeiro capítulo deste trabalho.

Na busca das determinações que tornam Brasília possível, na crítica à Geografia Política tradicional e na percepção do espaço como produto e condição da luta de classes, acabamos nos encontrando com o enigma da Geografia Política. Pouco a pouco, ficamos convencidos de que nenhum estudo sobre a implantação de Brasília, ou mesmo sobre a instrumentalização do espaço pelo Estado hodierno, pode elidir um exame referente a esse discurso e prática política. Nosso estudo relativo à Geografia, encetado já no primeiro capítulo, prossegue no segundo capítulo desta obra, quando examinamos a questão da interiorização da capital federal no pensamento geopolítico brasileiro. A partir de uma polêmica entre o geógrafo Léo Wai-bel e o general Djalma Polli Coelho, de 1948, pudemos repensar as diferenças e as imbricações entre a Geografia Política e a Geopolítica, não sob a ótica de objetos diferenciáveis, de tipos ideais ou de modelos, e sim como formas de práxis alternativas, como racionalidades ou condições de possibilidade tornadas diversas pelas relações sociais que as constituem.

Destarte, a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para aquela área, conhecida desde o final do século passado como "retângulo Cruls", como ato político, encontra sua explicação nas peculiaridades do processo de "redemocratização" ocorrido no país após 1945, onde certas manifestações e práticas populares que visavam ampliar o espaço de sua participação na vida política, coexistindo sob tensão com uma democratização controlada pelo alto, deram ensejo a medidas, claras ou veladas, direcionadas para um maior controle do social. A implantação de Brasília, assim, pode ser vista no bojo desse processo de "democratização" com medidas autoritárias, mesmo que camufladas como opções técnicas, que visavam impedir o crescimento dos movimentos populares. Isso explica o peso da Geopolítica nesse ato, pois esse discurso e prática política voltados para instrumentalizar o espaço em função dos interesses do Estado eram já uma tradição e uma racionalidade que desde a década de 1920 vinha se ocupando, dentre outras coisas, com a questão da interiorização da capital do Brasil.

No capítulo 3 procuramos compreender a edificação de Brasília no conjunto do governo JK, em interligação com outros aspectos re-

levantantes desse período, tais como o avanço industrial e a consolidação do novo padrão na acumulação de capital, o plano de metas, a criação de SUDENE e a ideologia nacional-desenvolvimentista. A implantação de Brasília, ocorrida também no contexto de um processo — que encerra toda uma dimensão geopolítica — de reordenação espacial do território nacional, de uma nova regionalização do Brasil, foi analisada numa perspectiva que privilegia o político como fundante, observando-se os momentos de acirramento nas lutas de classes e o projeto de dominação do empresariado industrial, tornado vitorioso em 1928, e que sofreu um redirecionamento na segunda metade da década de 50. Sem dúvida, o argumento da administração substituindo a política tradicional, da racionalidade técnica no lugar da demagogia e do populismo, que justificou Brasília nas falas de personagens comprometidos com ideologias nacionalistas, e também nas do próprio JK, muito deve aos interesses do empresariado industrial e à sua concepção de mundo. Ademais, Brasília consubstanciou, no governo JK, dois signos complementares: a superexploração da força de trabalho, por um lado, que garantiu os cinquenta anos em cinco e a construção da nova capital em pouco mais de três anos; e, por outro lado, a cooptação de certas categorias sociais, como os militares, políticos e jornalistas, o que permitiu a esse “tempo das ilusões” um relativo consenso de opinião pública, criada pela grande imprensa, e de estabilidade política e militar.

Também o espaço urbano de Brasília foi objeto de estudos, expostos no capítulo 4 deste trabalho. As diferenças entre o Plano Piloto e as cidades satélites, a natureza do plano original da cidade, a segregação e as contradições espaciais aí existentes, todos esses elementos locais refletem, ou refratam, embora num nível específico, as relações entre a cidade-capital e a sociedade brasileira como um todo. Uma capital planejada e construída especificamente para tal, como é o caso de Brasília, sempre acaba por expressar em sua paisagem certos elementos fundamentais do poder político instituído. Versalhes, por exemplo, simbolizava adequadamente o Estado absolutista, com o magnífico palácio real localizado no ponto para o qual convergiam as principais avenidas da cidade, exibindo assim a concentração no soberano do poder político outrora disperso. Já Brasília exibe uma ordem representativa da indústria moderna, com a disposição espacial que valoriza a máquina e a racionalidade “técnica” ou produtiva, e com a vida cotidiana da cidade submetida a uma programação que visa maximizar as “funções” reservadas a cada espaço e ao conjunto urbano; mas trata-se de uma ordem capitalista onde o Estado é o grande gerente, onde a planificação reafirma continua-

mente uma harmonia e uma funcionalidade alicerçadas na hierarquia burocrática, onde o morador é transformado em elemento passivo que deve apenas ajustar-se aos ditames do plano.

Longe de expressar uma intenção de igualitarismo, o plano urbanístico de Brasília busca de fato a harmonia do social. Trata-se de fazer da cidade uma "máquina de morar" nos moldes da indústria moderna. Os espaços são concebidos em termos de funções, evitando-se promiscuidades e outras racionalidades que difiram da lógica produtivista. Organiza-se territorialmente a cidade à imagem de uma linha de montagem fabril, visando fundamentalmente a sua "produtividade": a distribuição "racional" dos setores; a rápida circulação de veículos; o destaque monumental aos edifícios que sediam os principais órgãos estatais de decisão; a alocação rigorosa das escolas, igrejas, áreas de recreação etc. Assim como o sistema fabril aliena e automatiza o trabalhador, o plano piloto de Brasília impõe ao morador um ajustamento automatizado aos rígidos esquemas preconcebidos. Pensada como "máquina de morar" para burocratas, como espaço urbano apropriado à divisão técnica do trabalho no seio do aparelho estatal, Brasília no sentido estrito, isto é, o plano piloto, repele as populações "disfuncionais" em relação à cidade voltada para o automóvel particular, para a coexistência harmoniosa daqueles que conheceriam entre si apenas as diferenças de grau, as contradições não-antagônicas.

Nesse sentido, as cidades satélites não constituem um desvirtuamento do plano original de Brasília, como normalmente se apregoa. Pelo contrário, elas só existem devido à implementação e preservação desse plano na porção principal da cidade. De fato, manter as características do plano urbanístico original, o que só é feito às custas de um controle draconiano no plano piloto e de um amplo uso de recursos financeiros arrecadados fora dessa área e aí aplicados, sempre significou, desde a construção da cidade, uma forma de práxis que se direciona contra os trabalhadores e a favor da dominação, da preservação e fortalecimento das grandes desigualdades sociais e do poder coercitivo do Estado, os quais Brasília tão bem simboliza em seu traçado urbano e em sua arquitetura monumental.

Para concluir esta sucinta explanação, cabe realçar que nossa pesquisa pode ser considerada geográfica não por ser enquadrável numa delimitação apriorística do objeto de estudo dessa disciplina, mas sim porque a engendramos a partir de — e simultaneamente em oposição a — toda uma tradição de pensadores que se reconheciam

(ou reconhecem), e são socialmente reconhecidos, como geógrafos: Jean Brunhes, Camille Vallaux, Yves Lascoste, Léo Waibel e outros. A partir deles porque nosso estudo retoma e dá continuidade, num certo sentido, a uma problemática que aí encontra seus artífices. Em oposição a eles porque não se tratou de aplicar seus métodos e conceitos na abordagem de um caso específico; tratou-se, isso sim, em grande parte, de se contrapor a essa tradição (que, evidentemente, não é unívoca), de criticá-la com vistas a superá-la, de abandonar algumas de suas veredas abrindo outras. Contudo, esta tentativa de alargar as fronteiras do possível na análise geográfica procurou evitar o engodo de se encarar a escatologia do marxismo oficial como tábua de salvação para a crise da Geografia. Também Marx foi, simultaneamente, um interlocutor privilegiado e um autor a ser superado. Isso porque acreditamos que a temática *produção do espaço* só adquire de fato sua plena historicidade como dilema científico, filosófico e político atual, quando se percebe que ela surgiu a partir de questões encetadas pela crise do marxismo, pela descrença crescente na revolução sotierológica e pelo avançar de novas formas de lutas sociais, como as ecológicas, as regionais ou as urbanas, que têm o espaço como o seu *locus* por excelência.

## RESUMO

Este sucinto ensaio representa a fala inicial do autor por ocasião de sua defesa de Tese de Doutorado, que versou sobre a implantação de Brasília como capital federal do Brasil.

O trabalho acadêmico original possui 385 páginas, com quatro capítulos, mas estas notas procuram resenhar certos elementos importantes que encontram-se na tese. Como comenta o autor não é possível atualmente fazer-se um estudo da política no espaço sem se referir à geopolítica, e os primeiros capítulos da tese visaram exatamente interrogar essa forma praxis político/espacial (além de tradição discursiva), explicando suas determinações mais gerais e suas peculiaridades, na vida política/brasileira desde a década de 20, com especial destaque para a questão da interiorização da cidade-capital.

No capítulo 3, o autor buscou compreender a construção de Brasília no conjunto do governo JK, interligadas às demais características relevantes desse período, como o Plano de Metas e o novo padrão no processo de acumulação de capital, a ideologia nacional desenvolvimentista e a criação da SUDENE. E, no último capítulo da tese, o autor abordou o espaço urbano da nova capital do país numa perspectiva política, mostrando como essa concepção urbanística e arquitetônica, alicerçada em uma visão de mundo auto-

ritária e messiânica, segue preservada até hoje na porção principal da cidade — o Plano Piloto —, apesar (ou melhor por causa) da realidade das cidades satélites, que crescem a um ritmo mais acelerado que o Plano Piloto e constituem locais de moradia da força de trabalho mal remunerada — ou de seu exército de reserva, que é necessária para o funcionamento rotineiro das atividades dessa cidade capital.

#### ABSTRACT

This paper is based upon the author's presentation of his Thesis of Doctorship in Geography, that deals with the implantation of Brasilia as the federal capital of Brazil.

The academic work is divided into four chapters and these notes are intended to make a summary of certain aspects of it. To the author it is not possible to study the police on the geographical space without reference to geo-political aspects.

The first two chapters analyse this spatial police praxis explaining its peculiarities since the twenties, emphasizing the federal capital location.

In the 3<sup>rd</sup> chapter the author seeks to understand the building of Brasilia in the Kubitschek government, together with other important characteristics of this period.

In the last chapter the author approaches urban space of Brasilia in a political perspective, showing as this urban and architectural conception based upon an authoritarian and messianic vision is till now in the principal area of the city, the Pilot Plan, in spite of the growth of the satellite towns, quicker than that of the Plan itself, and where live the under-paid working force, necessary to the functioning of Brasilia.

#### RÉSUMÉ

Ce texte constitue la présentation que l'auteur a fait à l'occasion de la soutenance de sa thèse de Doctorat sur l'implantation de Brasilia en tant que capitale fédérale du Brésil.

Le travail académique original est divisé en quatre chapitres, et ces notes cherchent à présenter certains des éléments qui sont dans la thèse. Pour l'auteur il n'est pas possible de faire une étude de la politique dans l'espace sans faire référence à la géo-politique.

Les deux premiers chapitres ont pour but d'interroger cette praxis politique — espaciale, en expliquant ses déterminations plus générales et ses particularités, dans la via politique brésilienne depuis les années 20, en particulier sur la question de l'interiorisation de la capitale.

Dans le troisième chapitre l'auteur a cherché à comprendre la construction de Brasilia dans l'ensemble de la politique du gouvernement de Kubitschek, liée aux autres caractéristiques de cette période, comme le "Plano de Metas" et le nouveau modèle dans le processus d'accumulation du capital, l'idéologie nationaliste de développement et la création de la SUDENE. Dans le dernier chapitre l'auteur a traité l'espace urbain de Brasilia dans une perspective politique, en démontrant comment cette conception urbanistique et architectonique appuyée sur une vision de monde autoritaire et messianique est préservée jusqu'à nos jours dans la Plan Pilote — malgré (et pour cause) la réalité des villes satellites, qu'ont poussé à un rythme plus accéléré que le Plan Pilote, et où habite la force de travail mal payée, nécessaire au fonctionnement de la capitale.